

# Encruzilhadas Psicossociológicas da Saúde

Rio de Janeiro, sexta feira de 2024 - 8h30

Uma gota escorre pelo rosto, arrepia a canela e ensopa o pé. Fazia frio em um dia de calor, mal acomodado meus passos seguiam para a próxima aula, a memória passada, represada, me parecia um futuro que se constrói em vias ficcionais de uma realidade viva, que se criava e assombrava o caminhar de um trajeto educacional.

Assim se dava o processo cujo meu corpo caixa objetificado em sua negrura, servia de depósito, mas não se servia em plenitude do que ali estava a se jogar, depositar. Em abundância o vértice que se oferecia a mim era o silêncio, o silenciamento. Meus sentidos gingavam compassos de fuga, dança do desperdício da vida, se desequilibrando dos próximos golpes, que se faziam feito poeira ao vento nos olhos, que só se enxerga o arder agressivo do: “é assim que vocês aprendem, vão aprender!”

O ferrolho, as grades e trincos me diziam da minha escolha do fora ou dentro, sala, cela, aula, jaula, cela de aula, sala de jaula, sala de aula, cela de jaula. Ronca do educador em seu tom brincante, do desdizer, o zoológico é bem mais tranquilo com os animais do que a sala de/com selvagens alunos, alunos selvagens. O rugido não veio dos alunos, mas do balançar da porta para liberdade, que se seguia do irritante apito de fábrica.

E assim seguiria a história, que sendo minha poderia ser sua, nossa, que repetida repentina, esforça o movimento de circularidade no ensino aprendizagem, o quintal, a roda, o terreiro, a ciranda, a floresta, a selva, lugares de encontros, afetos, experimentações, plantações, aprendizados, florações, cultivos, frutificar, se alimentar, ficar, a centralidade nunca habitou o saudável, somos feitos de mundo, mundos que nos atravessam feito flechas, deixando em nós fragmentos da existência delas, desorientando caminhos feitos por antigos ancestrais, mas que se tornam novos pelo seu apagamento.

O que convoco aqui é a natureza na educação, é o não se naturalizar as formas de educar da civilização, é meu corpo verbalizar sua sensação, partindo do vocabulário que eu dou a significação, que seja eu, regido por Exu, presente na proposta de aula que comunica o cuidado e não o preconceito e a racialização. É o aprender das folhas na floração, é o desenho que sai do chão, é a poesia, que calcula o compartilhar o saber da/na multidão. É aprender a língua dos rios sem sistematização, é me banhar no saber da produção de potência da vida no viver do mundo sem papel e caneta na mão.

Esse passeio poético-ético-artístico-estético-político-pedagógico-psicossociológico, é para dizer o que está orgânico em mim, o diz envolver pela arte para o cuidado pelo futuro saudável de alunos, professores, de nós, e o que sinteticamente me atropela, para refletirmos as encruzilhadas psicossociológicas da saúde na aula, pensando em um diz envolvimento, para que possamos contar mais uma história, essa que veja a vida, sem que vejamos o mundo se acabar em uma pedagogia alinhavada pelo capacitismo, pelo sofrimento e agressões. Por uma pedagogia, psicossociologia ancestral como prática de medicina e cuidado dos nossos.

Mesmo com o céu rodeado de palavras não ditas, contorno a lua pela ponta da minha caneta preta, e peço licença e a bença a ancestralidade e os mais velhos pelo caminho, Nêgo Bispo, Ailton Krenak e Luiz Rufino.

Laroye, assinado, Victor Meirelles.

Referencial teórico:

DORNELES, Dandara Rodrigues. Palavras germinantes: entrevista com Nego Bispo. *Identidade!*, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, 2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. *Revista Exitus*, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.

KRENAK, Ailton. A vida é selvagem. *Cadernos Selvagem*, v. 12, 2020.

Victor Meirelles  
Artista Pesquisador IP UFRJ  
Doutorando em Psicossociologia UFRJ  
[victormeirellesator.ufrj@gmail.com](mailto:victormeirellesator.ufrj@gmail.com)  
IG: [@victormeirellesator](https://www.instagram.com/victormeirellesator)